

Sobre os ídolos de calcário de Pêra (Silves) e o seu significado, no quadro do Calcolítico do sul peninsular

João Luís Cardoso*

Resumo

Estuda-se um conjunto de ídolos de calcário recolhidos perto de Silves e oferecidos a José Leite de Vasconcellos, que os depositou no Museu que então dirigia, onde hoje se conservam. As condições do achado são incertas: este poderia corresponder a uma sepultura do tipo silo, atendendo à ausência de quaisquer referências sobre estruturas arqueológicas conexas, as quais certamente seriam referidas, caso existissem; a inexistência de outros materiais acompanhantes, os quais certamente seriam também recolhidos caso ocorressem, leva a admitir a hipótese de se estar perante um conjunto ritual, embora eventualmente conotado com necrópole ou sepultura, situada nas proximidades. É de assinalar que boa parte das peças ideotécnicas recolhidas no Algarve, de que são paradigma os ídolos de tipo Moncarapacho, ocorrem em condições semelhantes, desprovidas de contexto, muitas vezes em campos agrícolas, sem quaisquer outros elementos acompanhantes, como as agora estudadas.

É de registar, ainda, que algumas das peças pertencentes ao conjunto de Pêra possuem características que as diferenciam das suas homólogas portuguesas, evidenciando, ao contrário, estreitas analogias com exemplares recolhidos na região de Los Millares-Almería, em sepulturas colectivas calcolíticas de falsa cúpula, o que mostra a sua importação ou o fabrico local por artífices oriundos daquela região.

Palavras-chave: Calcolítico. Ídolos de calcário. Pêra (Silves).

* Agregado em Pré-História. Universidade Aberta (Lisboa) e Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (CMO). Estrada das Fontainhas, 2745-615 Barcarena.

Résumé

Dans cet article, un ensemble d'idoles calcolithiques recueilli autrefois non loin du village de Pêra (Silves) et offert à J. Leite de Vasconcellos, est étudié. Les conditions de la découverte sont incertaines: l'ensemble pourrait appartenir à une sépulture du type "silo", vu l'absence de toute référence à des structures archéologiques; d'autre part, faute d'autres matériaux archéologiques associés, amène à l'hypothèse d'un ensemble rituel non sépulcral, quoique funéraire (autel funéraire dans les alentours d'une nécropole?). Ces observations sont valables aussi pour la plupart des idoles en calcaire de l'Algarve du type Moncarapacho, trouvés isolés et hors de contexte archéologique: ce qui caractérise mieux ces trouvailles c'est, justement, le manque d'autres éléments accompagnants.

Il faut aussi souligner la typologie exogène de quelques pièces de cet ensemble, sans parallèle portugais connu; au contraire, d'étroites analogies sont évidentes avec des idoles en calcaire ou en os des tombeaux en fausse coupole de la région d'Almérie-Los Millares, en conséquence de leur importation directe, ou bien de l'existence d'une manufacture locale par des artisans venus d'Andalousie.

Mots-clé: Calcolithique. Idoles en calcaire. Pêra (Silves, Portugal).

1. Introdução

Em 1975/76, O. da Veiga Ferreira publicou pequena nota sobre o conjunto de objectos agora reapreciados (Ferreira, 1975/1976). Tal conjunto foi por si localizado no gabinete do Prof. Manuel Heleno, anterior director do Museu Etnológico, onde se conservavam, embrulhado em papel de jornal do ano de 1933 e com a indicação de Pêra-Silves. Esta data motivou a procura nos registos de obras públicas que tivessem sido efectuadas por essa altura na região, tendo o autor concluído que então se teria aberto uma estrada que passa junto da referida localidade. Ainda que tais considerações fossem admitidas pelo próprio como muito hipotéticas, o certo é que, até prova em contrário, seria essa a alternativa mais aceitável para a origem dos objectos, embora se desconhecesse em absoluto as características da jazida e as condições da descoberta.



O conjunto estudado por O. da Veiga Ferreira é composto por nove peças, todas descritas e fotografadas. Dessas, apenas tivemos acesso a oito, conservadas em seu poder à data do seu falecimento, as quais, tendo sido por nós identificadas no seu legado, nos foram confiadas pela Ex.^{ma} Família para entrega no Museu Nacional de Arqueologia, onde já deram, de novo, entrada.

Entretanto, o seu interesse iconográfico, somado a novas informações sobre a época da respectiva descoberta, justificavam um novo estudo, o qual, através de reproduções de qualidade e de uma nova abordagem no concernente à sua integração cultural, permitisse adequada divulgação, que uma revista de circulação muito restrita como aquela em que foram primeiramente publicados não propiciou.

As informações que foi possível compulsar sobre a data e local de proveniência, permitem confirmar que se trata de uma descoberta no concelho de Silves, nada existindo em contrário quanto à origem da mesma se reportar a Pêra, sítio que desde o início foi associado a Silves e que efectivamente existe no concelho. Com efeito, Leite de Vasconcellos (Vasconcellos, 1918, p. 255) declara, a tal propósito, que foi apresentado em Silves, pelo Dr. Pedro Mascarenhas Júdice, com “uma coleção de ídolos prehistoricos, de calcareo, entre os quais alguns de tipo novo em Portugal (tratarei de todos, mais de espaço, noutra lugar”. Esta informação é de novo integralmente transcrita anos volvidos, em obra do mesmo Autor (Vasconcellos, 1927, p. 255), sem alteração. Se o eminente arqueólogo pretendia elaborar estudo desenvolvido sobre o presente conjunto – cuja importância era reconhecida pelo próprio – o certo é que este jamais foi preparado, o mesmo se verificando com Manuel Heleno, seu sucessor à frente do Museu.

2. Estudo comparado dos materiais

As oito peças que agora se estudam são todas de calcário compacto, finalmente polidas em toda a superfície. Uma única peça apresenta textura cristalina, calcítica (Fig. 2, n.º 6). A pátina, de coloração amarelada, encontra-se coberta por finas concreções irregulares e rugosas, correspondentes à deposição de carbonato de cálcio, situação compatível com a sua origem, na zona do barrocal algarvio, caracterizado por rochas calcárias de idade jurássica.

Do ponto de vista tipológico, a homogeneidade do aspecto físico é acompanhada pela evidente coerência formal, conduzindo à certeza de se tratar de um único conjunto. Por outro lado, é de assinalar que nenhum exemplar é decorado, o que contrasta com a abundância de cilindros decorados no Algarve: trata-se dos bem conhecidos exemplares oculados, com representações radiadas, sobranceiras, “tatuagens faciais” e “cabeleiras” onduladas, presentes, entre outros, em dois exemplares de Moncarapacho (Paço e Franco, 1959), de onde adveio a designação de “ídolos de tipo Moncarapacho”, povoação do concelho de Olhão perto da qual se recolheu um terceiro exemplar (Leisner e Leisner, 1943, Tf. 95, n.º 8), decorações também presentes em exemplares, respectivamente, de Lezíria (Castro Marim) e de Salir (Gonçalves, 1978). Mais recentemente, foi publicado um conjunto de cilindros de calcário, também oriundos de Moncarapacho (Rodrigues e Maciel, 1997). As circunstâncias deste último achado não diferem das aludidas para os exemplares encontrados isolados na mesma região: as peças apareceram à superfície de um campo agrícola, depois de este ter sido lavrado e fresado. Nada que faça, pois, suspeitar da existência de uma sepultura colectiva estruturada, pois que se assim fosse, teriam inevitavelmente de ocorrer pelo menos alguns dos elementos utilizados na sua construção. Dos quatro cilindros de calcário então recolhidos, apenas um se apresenta decorado, consistindo a decoração nos bem conhecidos pares de olhos radiados, sobrepostos por sobranceiras e por tatuagens faciais. Sem

que neste trabalho se pretenda discutir o simbolismo desta iconografia. apenas referiremos que a Divindade se assemelha, nesta representação, à cabeça de uma coruja, símbolo da noite e da morte, mas também da regeneração; como já tinha sido referido por M. Gimbutas. Com efeito, a autora salienta a extrema semelhança das representações oculadas radiadas destes cilindros, extensiva também a outro tipo de suportes, como os ossos longos encontrados em Almirazaque (Almería), com a cabeça da coruja: "The round eyes so definitively establish her identity that often no auxiliary anthropomorphic features were deemed necessary (Gimbutas, 1989, 54, 55).

Este tipo de ídolos oculados não é específico do Algarve, já que se conhecem diversos exemplares andaluzes, encontrados no território imediatamente adjacente, entre Huelva e Sevilha (Leisner e Leisner, 1943).

Um aspecto que avulta, é a falta de contextos seguros para tais peças, que frequentemente são fruto de achados acidentais isolados, ou agrupados, mas aparentemente desprovidos de contexto. Na verdade, o que caracteriza tais achados é, precisamente, a impossibilidade de se associarem a estratigrafias, materiais ou estruturas arqueológicas, susceptíveis de lhes conferirem um significado arqueológico claro. De feitura marcadamente regional, contrastam, pois, com o numeroso conjunto que ora se publica, mais acentuando o carácter alógeno deste. Com efeito, além dos cilindros lisos, tão comuns no Calcolítico da Estremadura, representados nesta colecção por cinco exemplares (Fig. 1, n.º 1; Fig. 2, n.º 4, 5; Fig. 3, n.º 7, 8), por vezes com ligeiro desenvolvimento de uma das extremidades, o que acentua o antropomorfismo, a colecção integra três exemplares, de corpo troncocónico, e "cabeça" achatada (Fig. 1, n.º 2, 3; Fig. 2, n.º 6), a que haverá de somar o exemplar desaparecido, igualmente pertencente a este tipo (Ferreira, 1975/1976, n.º 2). Um deles, ostenta, na face frontal, dois mamilos cónicos em relevo (Fig. 1, n.º 2).

O grupo constituído pelos últimos três exemplares só tem paralelo, no território português, com um exemplar recolhido no povoado calcolítico do Porto Torção, Ferreira do Alentejo (Arnaud, 1982, Fig. 7, n.º 17). Em contrapartida, apresentam evidentes analogias com homólogos da região de Granada e de Almería, publicados por G. e V. Leisner (Leisner e Leisner, 1943). São numerosos os reproduzidos pelos autores, tenham ou não explícitos os atributos sexuais, sob a forma de mamilos, como os do exemplar português, com destaque para os seguintes, que ostentam maiores analogias com estes últimos:

- com mamilos: sepulcro 16 de Los Millares (Almería), um exemplar (Tf. 14, n.º 34); sepulcro 57 de Los Millares, um exemplar (Tf. 14, n.º 16 e Tf. 148, n.º 10);
- sem mamilos: sepulcro de Rambla de Los Pozicos (Almería), de onde provém belo conjunto de exemplares de cabeça achatada, de secções sub-circulares ou ligeiramente elipsoidais (Tf. 30, n.º 4 a 7).

3. Discussão

Outros exemplares se poderiam referir como termos de comparação com os materiais ora publicados. As evidentes analogias que se podem encontrar em exemplares do sul peninsular são indício de um importante circuito de troca de

ideias, incluindo as relacionadas com a superestrutura mágico-simbólica das populações do III milénio AC que ocupavam as zonas litorais deste a região do estreito até à Estremadura portuguesa. Com efeito, os belos ídolos de Silves, se bem que até agora alguns deles sejam únicos no actual território português, inscrevem-se no nítido processo de intercâmbio – sem dúvida movido por interesses comerciais, de troca de produtos ou das respectivas matérias-primas – evidenciado por outros objectos, cuja presença, da Estremadura ao Levante peninsular, não se poder considerar meramente accidental ou circunstancial. É o caso dos pequenos vasos ou boiões de osso, lisos ou decorados por motivos geométricos, comuns aos sepulcros calcolíticos de Los Millares, os quais também se encontraram em sepulcros de diversa tipologia da Estremadura portuguesa, ou ainda dos característicos alfinetes de osso de cabeça postiça (canelada ou lisa), comuns no Neolítico Final e no Calcolítico da Estremadura portuguesa e conhecidos também no Sudeste (Siret, 2001). Um dos exemplos mais flagrantes da intensa circulação de produtos entre as duas regiões, no decurso do Calcolítico, é a ocorrência de duas placas de xisto, tão semelhantes que se diria fabricadas pelo mesmo artífice, à vista uma da outra, uma recolhida no vale de Chelas, junto a Lisboa, outra proveniente de monumento funerário da província de Huelva (Zbyszewski, 1957), ambas, curiosamente, com a representação de um par de olhos radiados e por isso reportáveis ao Calcolítico.

Os exemplos citados permitem concluir que, embora a ocorrência dos ídolos de Pêra, pela sua tipologia, seja excepcional em território português, ela, contudo, é compreensível no quadro da intensa circulação verificado em toda a parte meridional da Península Ibérica no decurso do Calcolítico, tanto ao longo do litoral, como através do interior do território ao longo do vale do Guadiana, o que poderia explicar o achado dos ídolos do povoado de Porto Torrão. A este propósito, não se afigura dispiciendo relembrar a hipótese, à época inovadora, apresentada em 1954 ao IV Congresso Internacional de Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas em Madrid (Ferreira e Viana, 1956), de a progressão dos monumentos de falsa cúpula, do tipo *tholoi*, se dever à prospecção e mineração do cobre, por populações oriundas do sul peninsular, passando ao Algarve e, dali à Estremadura, ao longo do litoral, e atingindo o Alto Alentejo pelo vale do Guadiana.

Não é crível, no actual estado dos conhecimentos, admitir uma origem directa mais oriental para os ídolos calcolíticos em apreço, bem como para os seus homólogos da Andaluzia, não obstante o facto de alguns deles, do tipo representado em Pêra (de corpo tronco-cónico mais ou menos bombeado e cabeça plana) serem confeccionados em marfim de hipopótamo, matéria-prima que, na época, só poderia provir do vale do Nilo, afastada a hipótese de uma origem senegalesa, considerada inverosímil por L. Siret (Siret, 1908, p. 140, Fig. 8). Admite-se que tal matéria-prima tenha entrado em circuitos comerciais a longa distância, da responsabilidade não apenas de um único agente, mas de múltiplos intermediários, à semelhança do que se verificava com o marfim de elefante. Autores houve que chegaram mesmo a entrever, nalguns trechos do litoral estremenho de características mais marcadamente mediterrâneas, como o sector da baía de Sesimbra, local de chegada de tais navegadores pré-históricos, cuja presença se reflectia em tais objectos simbólicos de calcário, encontrados em diversas necrópoles da região (Vicente e Serrão, 1961). Esta seria, ainda, aceitando a hipótese difusionista defendida por J. Zilhão, a explicação avançada

para o processo de neolitização ocorrido na Estremadura, na segunda metade do VI milénio AC (Zilhão, 1992).

No que concerne ao Calcolítico, tais influências orientais jamais foram directamente comprovadas, através de um qualquer objecto que tenha sido inquestionavelmente importado: é excepção a referência isolada a algumas cerâmicas supostamente anatólicas, encontradas no povoado calcolítico de Les Moreres, Crevillente, Alicante (Gonzalez Prats *et al.*, 1995). No caso de se reforçar, por outros achados, esta importante descoberta, seria a primeira vez que estariam documentadas presenças orientais, através de peças directamente importadas, na Península Ibérica. Seja como for mesmo que indirectos, tais testemunhos parecem reflectir-se não só na tipologia, mas, sobretudo, na própria matéria-prima em que são confeccionados a quase totalidade dos objectos em apreço, incluindo os que ora se estudam: o calcário. Não obstante tratar-se de rocha banal, tanto na Estremadura como no Algarve (zona do “barrocal”) e desprovida, conseqüentemente, de qualquer valor intrínseco – foi, justamente, esta a rocha de eleição para o seu fabrico, o que evidencia, naturalmente, uma importância do domínio simbólico, reportável com a importância que lhe era atribuída, pela mesma época, no oriente mediterrâneo e tão bem expressa em numerosos artefactos de cunho ideotécnico dali conhecidos.

Importa, a terminar, procurar explicação para as condições de jazida do belo conjunto de Pêra. Verifica-se que a sua ocorrência não é associável a uma sepultura megalítica, nem sequer a uma construção funerária do tipo *tholos*. Com efeito, se fosse esse o caso, tal situação não deixaria de se encontrar registada. Resta a possibilidade, a manter-se a hipótese funerária, de se estar perante uma sepultura do tipo silo, como outras conhecidas no Algarve, escavadas nas rochas brandas carbonatadas da região; mas, neste caso, seria provável a ocorrência de outros tipos de peças, como é o caso, relatado também por Leite de Vasconcellos, da vizinha sepultura de Cumiada, também do concelho de Silves (Vasconcellos, 1918), com diversos machados de pedra polida, sempre frequentes em tais circunstâncias. Por outro lado, é de reter o modo de ocorrência dos ídolos de calcário atrás referidos, sempre à superfície do terreno, e, por vezes, constituindo conjuntos assinaláveis, como é caso dos achados de Moncarapacho, publicados por J. Maciel e M. C. Rodrigues. É possível que se esteja perante sepulturas, constituídas por simples deposições, com recobrimentos ligeiros – conforme sugere o carácter funerário dos ídolos – ou, em alternativa, perante conjuntos ritualmente dispostos no terreno, constituindo altares ou locais de culto, conotáveis, de qualquer modo, com cerimónias funerárias. A este propósito, merece referência o conjunto de ídolos calcários encontrados no interior da gruta sepulcral do Correio Mor, Loures (Cardoso *et al.*, 1995). Com efeito, o estudo da sobreposição das peças, no decurso da escavação, permitiu reconstituir aproximadamente a sua disposição original; outro exemplo é o do conjunto de ídolos-falange, dois deles decorados, agrupados, no interior da lapa da Bugalheira, Torres Novas (Paço; Zbyszewski e Ferreira, 1971). Estes dois exemplos calcolíticos do território português têm paralelo nos conjuntos de cilindros de tipo bétilo encontrados na periferia de certos *tumuli* sepulcrais de Los Millares, por vezes em pequenos recintos definidos por blocos: é o caso das sepulturas VII e IX le Los Millares (Almagro e Arribas, 1963, Lám. XLVII, XLIX, LIX, LXI, CXLVII, C, CL) e de outras, da mesma zona, publicadas anteriormente por G. e V. Leisner (Leisner e Leisner, 1943, Tf. 14, 18, 22, 29, 30). Res-

tos de um espólio sepulcral, ou testemunho de altar sepulcral, o conjunto de ídolos de Pêra é exemplo raro e expressivo, dos artefactos rituais que, no decurso do III milénio AC eram utilizados no ocidente peninsular. Trata-se de área geográfica que, apesar da sua posição periférica, testemunha, por estes e outros vestígios, a ligação cultural das respectivas populações às suas congéneres que, na mesma época, ocupavam a bacia mediterrânea, das quais se podem considerar como sendo a sua última e mais ocidental expressão.

Bibliografia

- ALMAGRO, M.; ARRIBAS, A. (1963) – *El poblado y la necrópolis megalíticas de Los Millares (Santa Fé de Modújar, Almería)*. Madrid: CSIC. Bibliotheca Praehistorica Hispanica. 3, p. 263.
- ARNAUD, J. M. (1982) – O povoado calcolítico de Ferreira do Alentejo no contexto da bacia do Sado e do Sudoeste peninsular. *Arqueologia*. Porto. 6, p. 48-64.
- CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M.; NORTON, J.; FERREIRA, O. da V. & NORTH, C. T. (1995) – O santuário calcolítico da gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 97-121.
- FERREIRA, O. da V. (1975/1976) – Nota sobre uma bela colecção inédita de ídolos de calcário. *Estudos Italianos em Portugal*. Lisboa. 38/39, p. 241-246.
- FERREIRA, O. da V.; VIANA, A. (1956) – L'importance du cuivre péninsulaire dans les Âges du Bronze. In *Congressos Internacionais de Ciencias Prehistoricas y Protobistoricas. Actas de da IV Sesion. Madrid, 1954*. Zaragoza, p.521-533.
- GIMBUTAS, M. (1989) – *The language of the Goddess*. London: Thames & Hudson. p.388.
- GONÇALVES, V. S. (1978) – Dois novos ídolos tipo Moncarapacho. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 4, p. 47-60.
- GONZALEZ PRATS, A.; RUIZ SEGURA, E.; FUENSANTA, J. G.; SEVA ROMÁN, R. (1995) – Cerâmicas anatólicas en el poblado calcolítico de Les Moreres (Crevente, Alicante, España). In *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular. Porto, 1993*. Porto. 5, p. 133-137.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1943) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Erster Teil. Der Süden*. Berlin: Walter de Gruyter & Co. (Römisch-Germanische Forschungen; Band 17).
- PAÇO, A.; FRANCO, G. L. (1959) – Ídolo cilíndrico de calcário, oculado, do Algarve. *Actas do I Congresso Nacional de Arqueologia. Lisboa, 1958*. Lisboa: Instituto de Alta Culura. 1, p. 361-368.
- PAÇO, A. do; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da V. (1971) – Resultado das escavações na Lapa da Bugalheira (Torres Novas). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 55, p. 23-47.
- RODRIGUES, M. C. M.; MACIEL, M. J. (1997) – Cilindros de calcário descobertos em Moncarapacho (Algarve). *Estudos Orientais*. Lisboa. 6 (Homenagem ao Professor António Augusto Tavares), p. 21-31.
- SERRÃO, E. da C.; VICENTE, E. P. (1961) – Contribuição para o conhecimento das relações por via marítima, no Eneolítico e na Proto-História, entre as populações da costa centro-ocidental da Península Ibérica e os povos do Mediterrâneo. In *Actas do Congresso Internacional de História dos Descobrimentos. Lisboa, 1960*. Lisboa. 3, p. 627-655.

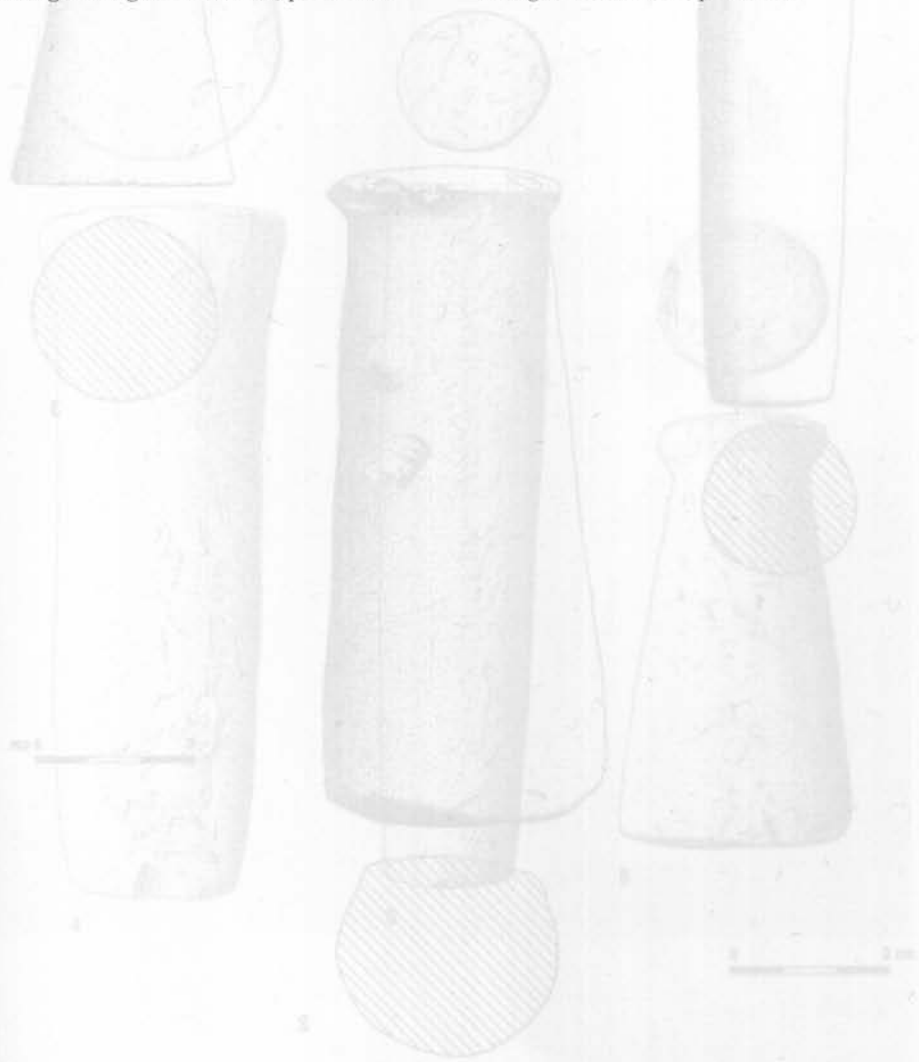
SIRET, L. (1908) – Les Cassitérides et l'empire colonial des Phéniciens. *L'Anthropologie*. Paris. 19, p. 129-312.

SIRET, L. (2001) – España prehistorica. Almería: Consejería de Cultura (2 vols.).

VASCONCELLOS, J. L. de (1918) – Pelo Sul de Portugal (Baixo-Alentejo e Algarve). *O Archeologo Português*. Lisboa. 23, p. 104-138.

VASCONCELLOS, J. L. de (1927) – *De terra em terra. Excursões archeologico-etnograficas*. 2. Lisboa: Imprensa Nacional., p. 295.

ZBYSZEWSKI, G. (1957) – Comparaison entre une plaque de schiste gravée de Lisbonne et une autre de la province de Huelva. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 38: 2, p. 459-463.



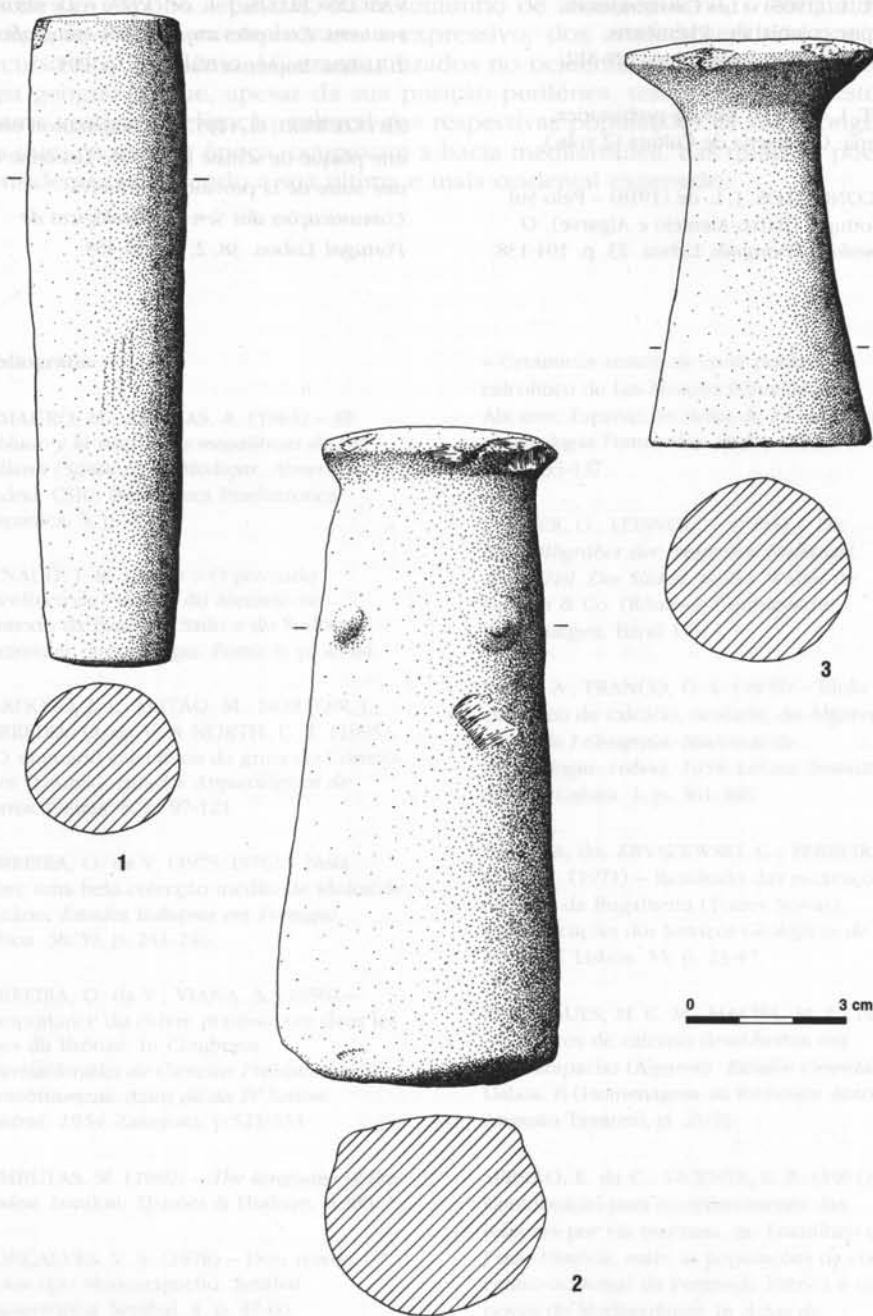


Fig. 1 – 1 – ídolo cilíndrico; 2 – ídolo tronco-cónico com cabeça aplanada e representação de dois mamilos em relevo (divindade feminina calcolítica); 3 – ídolo tronco-cónico com cabeça aplanada. Material – calcário cristalino (mármore) a subcristalino. Desenhos de B. Ferreira.

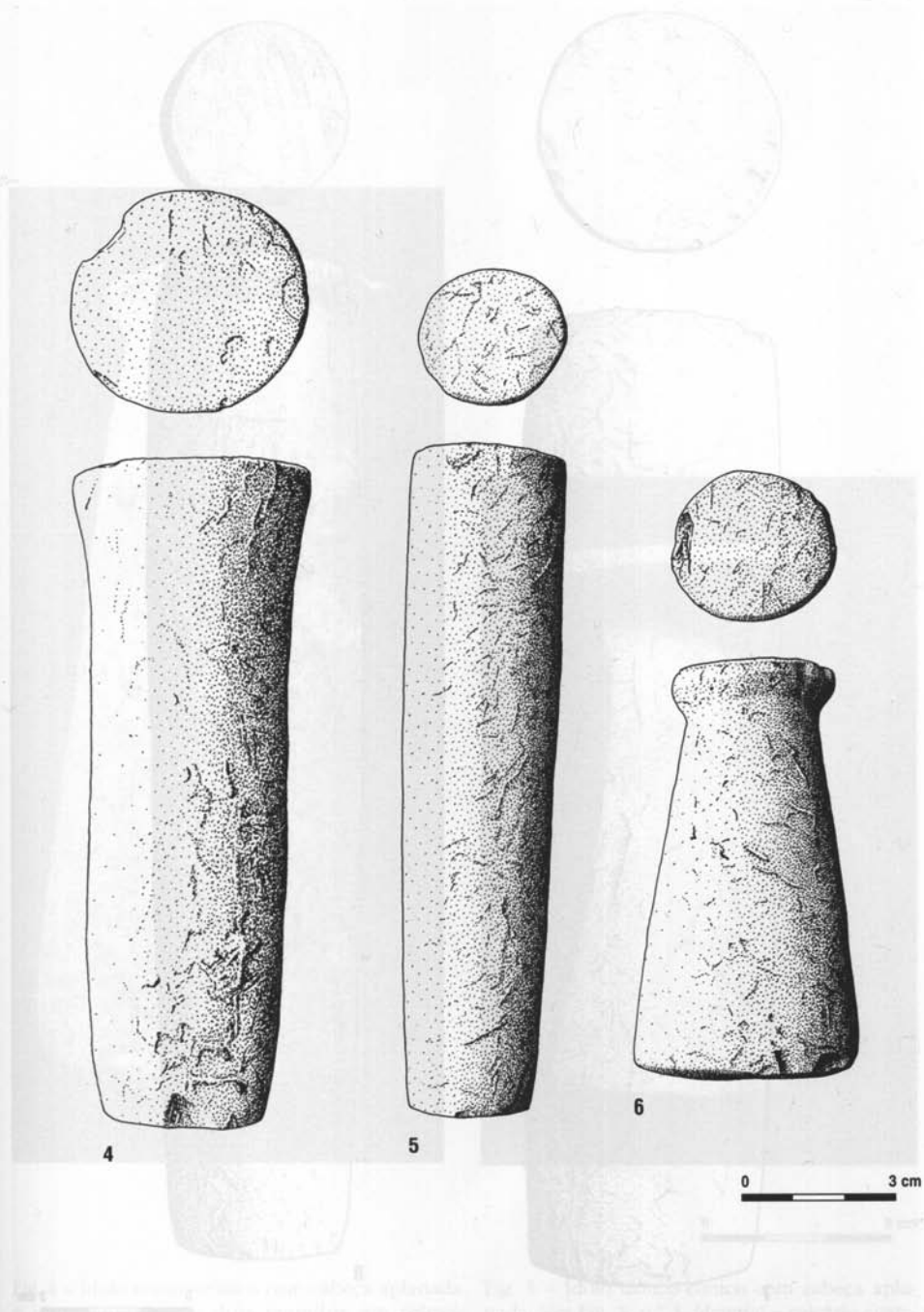


Fig. 2 – 4 – ídolo cilíndrico com cabeça aplanada; 5 – ídolo cilíndrico; 6 – ídolo tronco-cónico com cabeça aplanada. Material – calcário cristalino (mármore) a subcristalino. O último é de travertino. Desenhos de B. Ferreira.



Fig. 3 – 7 e 8 – Dois grandes ídolos cilíndricos. Material – calcário cristalino (mármore) a subcristalino. Desenhos de B. Ferreira.

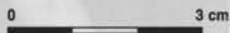


Fig. 4 – Ídolo tronco-cônico com cabeça aplanada e representação de dois mamilos em relevo (divindade feminina calcolítica). Ver Fig. 1, n.º 2. Material – calcário cristalino (mármore) a sub-cristalino. Foto arq. O. da Veiga Ferreira.

Fig. 5 – Ídolo tronco-cônico com cabeça aplanada. Ver Fig. 1, n.º 3. Material – calcário cristalino (mármore) a sub-cristalino. Foto arq. O. da Veiga Ferreira.



Fig. 6 – Conjunto de ídolos de calcário cristalino a sub-cristalino de Pêra (Silves). Foto arq. O. da Veiga Ferreira.



Fig. 7 – Conjunto de ídolos de calcário cristalino a sub-cristalino de Pêra (Silves). Foto arq. O. da Veiga Ferreira.

«O espólio metálico do Outeiro de S. Bernardo (Moura):
uma reapreciação à luz de velhos documentos
e de outros achados»



Resumo

Estuda-se o espólio metálico recolhido em 1931, no Outeiro de S. Bernardo (Moura), pertencente até época recente a uma família de cada um dos quais se conhecem as peças estudadas. A importância que estas peças assumem é evidenciada pelo facto de serem homogêneas e por serem produzidas com a utilização de uma tecnologia que abasteceria a península. A tipologia dos artefactos de uso utilitário, conquanto se integre ainda no Calcolítico, evidencia algumas diferenças face às peças homólogas características do Calcolítico Pleno da Estremadura e do Sudoeste português, o mesmo se verificando com os materiais coevos da bacia estremenha (ou média) do Guadiana. No que respeita às armas, nenhuma figura actualmente entre o espólio conservado: trata-se de um punhal com lingueta, de um outro mundo

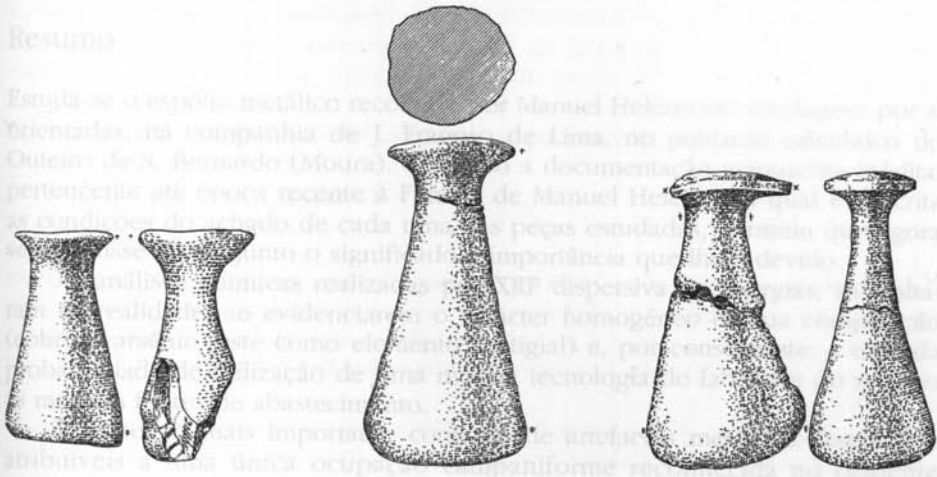


Fig. 8 – Conjunto de ídolos de calcário da Andaluzia com estreitas analogias a exemplares de Pêra. Com mamilos: em cima, respectivamente à esquerda e à direita – sepulcro 16 de Los Millares (Almería). (Seg. Leisner e Leisner, 1943, Tf. 14, n.º. 34); sepulcro 57 de Los Millares (Almería). (Seg. Leisner e Leisner, 1943, Tf. 14, n.º. 16 e Tf. 148, n.º. 10). Sem mamilos: em baixo – sepulcro de Rambla de Los Pozicos (Almería). (Seg. Leisner e Leisner, 1943, Tf. 30, n.º. 4 a 7). Escala de $\frac{1}{2}$.



Fig. 5 - Conjunto de vidrios de laboratorio empleados en el estudio de la actividad proteolítica de la Varga Peruvia.

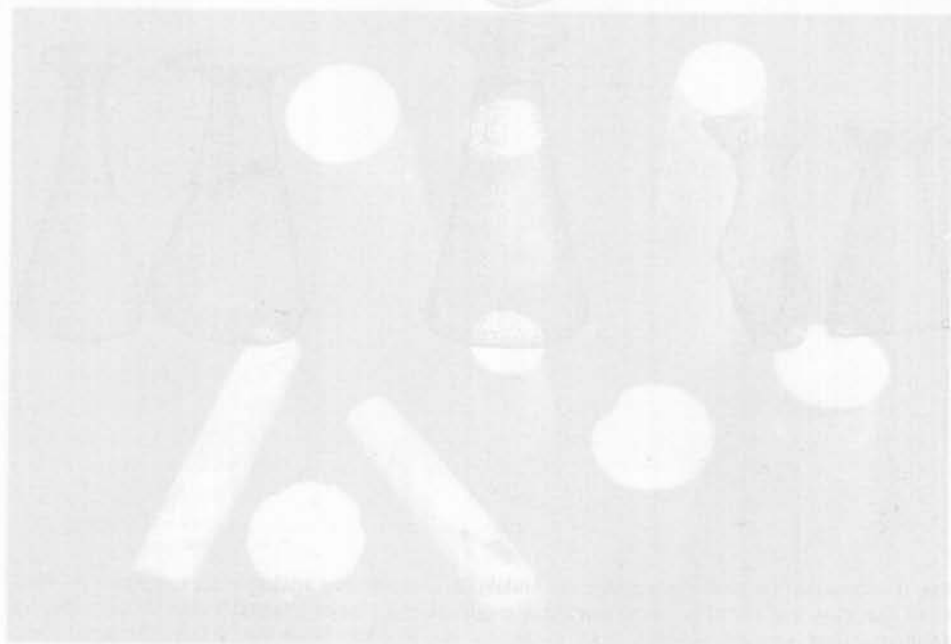


Fig. 6 - Conjunto de vidrios de laboratorio empleados en el estudio de la actividad proteolítica de la Varga Peruvia.